



Passos iniciais de uma intervenção de Psicologia Escolar em escolas públicas de Rondonópolis

Nivaldo Alexandre de Freitas¹
Durval Davi Alves Lacerda²
Elayne Eva Borges Araujo²
Nilza de Sousa Oliveira Dias²
Rannylle Dias dos Santos²

Universidade Federal de Mato Grosso,
Campus Universitário de Rondonópolis,
Instituto de Ciências Humanas e
Sociais, Curso de Psicologia

1. Doutor em Psicologia Escolar

2. Graduando(a) em Psicologia

Rodovia Rondonópolis-Guiratinga,

Km 06, Rondonópolis, MT

(66) 3410-4088

nivafreitas@gmail.com

Resumo

O artigo descreve o início de uma intervenção em escolas públicas na cidade de Rondonópolis (MT), realizada por estagiários da disciplina de Estágio Específico em Psicologia Escolar e por extensionistas em Psicologia Escolar, do Curso de Psicologia da UFMT. A intervenção se deu ao longo de 2016 em duas escolas. Seu objetivo era refletir junto a seus agentes sobre a formação de crianças e jovens, problematizando as dificuldades de aprendizagem e apoiando as atividades de inclusão. No decorrer da intervenção, buscou-se incentivar a comunicação entre sala regular e sala de recursos, relação que deve existir para possibi-

litar elementos importantes para o convívio humano com a diversidade. São descritas algumas observações feitas em sala regular e destacados alguns aspectos do funcionamento da sala de recursos. Também são expostas algumas dificuldades encontradas neste início do processo de intervenção, que se dá pela primeira vez nestas escolas. Quanto aos resultados obtidos, foi possível acompanhar o cotidiano de alguns alunos e algumas salas de aula e obter subsídios para aprofundar esta intervenção nos próximos anos com a finalidade de propiciar a autonomia dos jovens estudantes em relação à sua formação, elemento que contribui também para mudanças positivas na comunidade, de acordo com o que se espera de atividades de extensão universitária.

Palavras-chave: Psicologia escolar; Educação inclusiva; Diversidade; Formação humana.

Pasos iniciales de una intervención de Psicología Escolar en escuelas públicas de Rondonópolis

Resumen

El artículo describe el comienzo de una intervención en escuelas públicas en la ciudad Rondonópolis (Matto Grosso), realizada por practicantes de la disciplina de Estágio Específico em Psicologia Escolar (Práctica específica supervisada en Psicología Escolar) y por extensionistas en Psicología Escolar, de la Carrera de Psicología de la UFMT (Universidad Federal de Matto Grosso). La intervención tuvo lugar a lo largo de 2016 en dos escuelas municipales, y su objetivo era reflexionar junto con sus agentes sobre la formación de niños y adolescentes, problematizando las dificultades de aprendizaje y apoyando las actividades de inclusión. En el transcurso del trabajo se buscó incentivar la comunicación entre las clases regulares y las clases de apoyo, relación que debe existir para posibilitar elementos importantes para la convivencia humana con la diversidad. Se describen algunas observaciones realizadas en las clases regulares y se destacan algunos aspectos del funcionamiento de las clases de apoyo. También se exponen algunas dificultades encontradas en la puesta en marcha del proceso de intervención, que se da por primera vez en estas escuelas. En cuanto a los resultados obtenidos, fue posible realizar un seguimiento cotidiano de algunos alumnos y de algunas clases y obtener informaciones para profundizar este trabajo los próximos años, con vistas a fomentar la autonomía de los escolares en relación a su formación, elemento que contribuye también a cambios positivos en la comunidad, de acuerdo con lo que se espera de actividades de extensión universitaria.

Palabras clave: Psicología escolar; Educación inclusiva; Diversidad; Formación humana.

Introdução

A proposta de estágio e extensão em Psicologia Escolar apresentada neste artigo tem sua fundamentação teórica em autores e teorias que buscam na história as raízes da escola tradicional e com isso procuram fazer a crítica ao entendimento de que os problemas de aprendizagem se centram no aluno, ou de modo específico ao chamado aluno-problema, assim, entendido como o resultado de uma série de relações interiores e exteriores à escola. Essa perspectiva da Psicologia Escolar também busca relações teóricas com os autores da chamada teoria crítica, principalmente Adorno (2000) e Benjamin (1994), que buscam entender a cultura como resultado de um projeto histórico que tem se mostrado equivocado, tornando-se produtora de sofrimento.

Os dois principais elementos teóricos que são tomados como fundamento para as intervenções são a noção de formação humana, a partir da teoria crítica e a concepção das relações no interior da escola, a partir das pesquisas e escritos de Patto (1997, 2000, 2015), Guzzo (1999, 2011, 2014), além de outros autores que também buscam entender a escola não isolada da cultura e da história.

A partir desta perspectiva de Psicologia Escolar busca-se criar espaços em que os alunos possam refletir sobre sua formação na escola e fora dela, de forma a pensarem no sentido e objetivos dessa formação. Toda conversa entre os estagiários/extensionistas com os estudantes não busca impor a eles uma concepção do que é ser estudante, mas sim busca pensar com eles uma maneira de sê-lo. Isso implica em questionar também os vários “discursos competentes” (CHAUÍ, 2007) que circulam na escola e que atingem ostensivamente famílias e estudantes no sentido de limitar neste último toda a responsabilidade pelo fracasso escolar.

A partir disso, é preciso buscar um diálogo também com os professores, com as famílias e com toda a comunidade para que novas possibilidades de configurar a escola sejam buscadas e refletidas. Portanto, faz parte do desenvolvimento da intervenção a organização de reuniões com os professores e com os familiares, a busca pela articulação das redes públicas de saúde e de assistência social (CRAS) e o contato com organizações sociais da comunidade, como associação de bairro, por exemplo.

O projeto de extensão articulado à disciplina de estágio propicia a oferta de um serviço de psicologia escolar mais bem assistido, com mais estudantes de psicologia presentes durante mais tempo na escola pública, de modo a dedicar-se à intervenção com maior profundidade.

O estagiário/extensionista em Psicologia Escolar tem a oportunidade de aprofundar a articulação entre diversos conhecimentos exigidos do psicólogo em suas diversas formas e campos de atuação profissional. Além de compreender uma maneira de trabalhar na escola, ele conquistará elementos importantes para a atuação profissional em vários outros campos de trabalho. É importante lembrar que grande parte da demanda clínica contemporânea advém do âmbito escolar. Também na escola o estagiário/extensionista desenvolve o que pode ser chamados de “escuta clínica”, uma vez que ele não é alguém que fala pelo estudante, mas alguém que o auxilia a elaborar uma narrativa daquilo que até então não pode ser narrado acerca de sua formação e de sua vida.

Todo o trabalho é acompanhado de supervisões semanais, momentos em que as situações vividas pelos estudantes de psicologia são discutidas e refletidas para buscar uma compreensão das relações que se dão na escola e como esta espelha a própria cultura.

A descrição a seguir se refere às intervenções em duas escolas públicas de Rondonópolis (MT). Depois de um breve contato, esta é a primeira vez que o estágio/extensão em Psicologia Escolar vai até estas escolas (Escola A. e Escola B.). Assim, a intervenção, que se pretende que tenha continuidade, está apenas em seu início, com os obstáculos próprios desse momento.

Um objetivo fundamental do trabalho é o apoio às atividades de inclusão, tanto em relação aos alunos com deficiência, que muitas vezes ficam isolados na sala regular, quanto aos alunos que apresentam dificuldades específicas em certas disciplinas, mas que muitas vezes se transformam em histórias de fracasso escolar, quando a sala de aula privilegia apenas a concorrência e não a convivência.

Para alcançar este objetivo optou-se por fazer observações das salas de aula regulares, compreendendo suas dinâmicas, ao mesmo tempo em que se conhecia o funcionamento das salas de recursos. Ao longo do processo, conforme se conhecia a escola, obtendo elementos para elaborar uma forma de melhorar a comunicação entre sala de recursos e sala regular, a presença dos estagiários/extensionistas ia se tornando menos problemática para os agentes da escola. A figura do psicólogo ainda carrega algumas marcas da história pouco nobre da psicologia diferencial, que chegava a ser preconceituosa e promotora de segregação de crianças pobres (PATTO, 2015). Ainda hoje, é certo, existem várias psicologias, muitas delas existindo ao largo da crítica da realidade irracional que se vive, mas não se pode negar que o compromisso social também passou a fazer parte da ciência psicológica.

Porém, ainda é intensa a busca por soluções fáceis para sérios problemas da cultura. Uma delas é a tendência de medicalização da vida, em vários de seus aspectos, que pretende retirar do sujeito o pouco que lhe resta: a capacidade de expressar sofrimento (ROUDINESCO, 2000). Tal tendência também se faz presente na escola e tem transformado problemas de escolarização em assunto médico. Supostas doenças, ainda muito mal definidas, como o TDAH e a dislexia, cujos diagnósticos são obtidos de maneiras dubitáveis (MOYSÉS e COLLARES, 1997) são marcas da cultura deixadas nos sujeitos e que os laboratórios de medicamento, de bom grado e com grande lucro, querem ocultar.

Por tudo isso, o psicólogo ainda é visto, mesmo pelos educadores, como alguém capaz de “curar” o aluno problema, dissolvendo suas dificuldades e reconduzindo-o à normalidade tão desejada pela cultura totalitária. O trabalho de apresentar a proposta de uma Psicologia Crítica a essa tendência deve ser feito com empenho e paciência, sob risco dos portões da instituição se fechar para tal psicologia.

O grupo de quatro estagiários/extensionistas dividiu-se em duas duplas, cada uma delas frequentou uma das escolas, durante o ano letivo da universidade. Optou-se aqui por descrever alguns aspectos da intervenção em primeira pessoa. Se o relato se constitui bastante descritivo é porque se optou por fornecer ao leitor uma visão próxima e detalhada da escola.

Escola A: duas maneiras de ser professora

A proposta inicial a ser levada para a escola consistia na observação e posterior intervenção na sala do nono ano do Ensino Fundamental, para trabalhar algo relacionado à perspectiva dos alunos quanto ao Ensino Médio, de modo a observar sua motivação com relação à continuidade dos estudos. Esta proposta se justificava pelo fato de que não há escola de Ensino Médio próximo às imediações. Além disso, a escola está localizada em um bairro cujo índice de violência é alto, o que por vezes acaba por interferir na vida escolar.

No entanto, no primeiro contato que tivemos com a Coordenação da escola, esta afirmou que gostaria que trabalhássemos com as duas salas do quinto ano. A justificativa era que naquelas turmas havia a maior concentração dos alunos considerados “problema” para a escola, especialmente quanto às dificuldades de aprendizagem. Logo no início foi perceptível certo desapontamento da Coordenação com relação às intervenções que faríamos na escola. Ao dizermos que de início faríamos apenas observações e dentro da demanda apresentada proporíamos algumas intervenções, sua expressão foi: “Mais uma intervenção!”. O que nos faz pensar que o psicólogo no contexto escolar é visto como aquele que vai solucionar todos os problemas, mais precisamente o profissional clínico, que irá “consertar” o aluno problema, como já foi dito acima.

Passamos, então, a acompanhar as duas turmas do quinto ano para entender por que estas turmas eram destacadas pela escola. As aulas eram ministradas por duas professoras, cada qual era responsável por determinadas disciplinas, dando diariamente duas horas de aula cada professora. Desde o primeiro dia, foi notável que a dinâmica da sala é bem diferente, conforme varia a professora.

Ao final do primeiro dia de observação, em uma conversa rápida com uma das professoras, ela pergunta: Vocês não querem ser professoras, não? Dando a entender sua insatisfação com a turma e a sua dificuldade em lidar com os estudantes. Para ela, as turmas são as piores da escola, tanto com relação à dificuldade de aprendizagem de alguns alunos, mas também com relação à indisciplina. Segundo ela, um dos alunos, que seria o mais atrasado em relação aos outros, é também um “aluno indisciplinado”. Elencou ainda que uma das alunas indisciplinadas precisa de acompanhamento psicológico, pois ela pertence a uma “família desestruturada”, cujo pai está preso. Vê-se aí a atribuição da responsabilidade pela dificuldade escolar dada aos problemas familiares, algo bastante recorrente (CRUZ e CAMPOS, 2011, p.300). Quase nenhuma qualidade positiva sobre os estudantes foi destacada pela professora.

Durante todo o ano, tal discurso em busca de culpados, repetia-se de forma recorrente. A professora da sala sempre nos procurava expondo atitudes “estranhas”, caracterizadas desta forma por ela, pedindo que nós a ajudássemos. Em sua relação com os alunos foi notável que ela considerava as questões extraescolares como fatores que determinavam as atitudes das crianças na sala. Entretanto, ela não deixava de segregá-los e alguns alunos eram visivelmente deixados de lado durante as aulas.

Com relação à outra professora, era interessante a forma pela qual ela sustentava sua relação com a turma. Já no primeiro dia, foi possível notar que a forma rígida com que conduzia as atividades fazia com que ocorresse menos movimentação paralela dos alunos. Mas o que também ficou evidente foi a preferência dos alunos por ela. Em um primeiro momento, nós nos surpreendemos com isso, visto que ela acaba sendo severa com eles por diversas vezes.

Embora a forma de chamar a atenção seja sempre levantando o tom de voz, por outro lado, as demonstrações de carinho em relação aos alunos acontecem quase que de forma simultânea.

De modo que as demonstrações de afeto são recíprocas. Ao chegar à sala, havia sempre algum aluno à sua espera para lhe dar um abraço, o que sempre era correspondido. Em sua aula, até mesmo os alunos mais agitados mantinham-se voltados para as atividades propostas. Porém, ao mesmo tempo em que realizavam as atividades, a professora conversava com os alunos, sobre suas vidas, mantendo, assim, um forte laço de amizade com eles. Ao final das aulas, havia várias demonstrações de carinho para com a educadora, desenhadas no quadro, frases como: “Eu te amo, Professora”.

A partir da observação da forma como a professora conduzia a turma, pudemos observar como tal atitude se tornou positiva para a classe. Embora ela expressasse muita seriedade, nunca deixando de exigir comprometimento dos alunos com relação às atividades das disciplinas, sempre cobrando a respeito disso, ela conseguiu construir uma comunicação com os alunos que fez com que os momentos em que precisava ser rígida não se sobressaíssem. Além disso, um ponto de muita importância na maneira de se relacionar com os alunos é o fato de que ela os compreendia em suas singularidades. Com o aluno que conversava mais, ela construiu um laço em que se colocava no papel de ouvi-lo e responder às suas atitudes. Com a menina que não gostava de falar diante de toda sala, ela se aproximava para conversar. Deste modo, ela conseguia fazer com que sua mensagem chegasse à maioria dos alunos, considerando a sua singularidade, mas mantendo, também, a equidade.

O sucesso dessa professora nos causa inquietações, pois seria desejoso que todos os professores pudessem encontrar uma forma de se comunicar com os alunos, de maneira respeitosa, afetuosa e com a autoridade capaz de realizar a mediação do conhecimento. Mas são vários aspectos que também impedem essa relação, desde o desamparo do professor pelas políticas públicas de educação, até as deficiências na formação docente, deficiências que vão muito além da formação específica do professor, mas se relacionam com a cultura que tende a desprezar os profissionais da educação. (ADORNO, 2000a)

Escola B: vitalidade infantil em espaço restrito

Nesta escola, em uma primeira conversa com a Coordenação, foi sugerido que iniciássemos um trabalho de observação com os oitavos anos, pois eram salas que preocupavam a Direção.

Encontramos a sala do oitavo ano cheia e desarrumada, segundo padrões da escola tradicional: era uma aula de Artes. Vários grupos fechados entre si; era uma aula irreconhecível. Conversamos um pouco com a professora sobre o nosso trabalho ali naquela sala. Ela disse: “Se olhar bem, vai achar”, o que revela um pouco de seu entendimento sobre o trabalho do psicólogo. Mesmo depois de nossas explicações a ideia do psicólogo como alguém que vai diagnosticar alunos com problema persistiu.

Notamos o quanto eram pequenas as carteiras. Era impossível sentar “corretamente”, impossível sentar com as pernas debaixo da mesa, obrigando a pessoa, se for um pouco mais alta que a média, a ficar virada para o lado. Havia muitos alunos altos que eram forçados a sentar de lado devido ao desconforto daquelas carteiras. Com inúmeros alunos sentados de lado, os corredores ficavam pequenos, o que dificultava a locomoção dos alunos. Isso já nos mostra elementos de um lugar que parece não ser pensado para quem o habita, como irão mostrar outros aspectos trazidos pelos próprios alunos.

O sinal tocou indicando o recreio. Quando saímos da sala, notamos o quão quente era a escola. E para piorar, percebemos que todas as salas tinham aparelhos de ar-condicionado novos instalados, mas nenhum estava ligado. Perguntamos a um dos alunos o porquê e ele disse que é “por causa da fiação que não querem mexer”.

O recreio é bem agitado, tornando-se compreensível por que os alunos merendam na sala, fato que havia nos surpreendido: a escola provavelmente estaria suja se merendassem no intervalo, pois há muitas brincadeiras, alunos descalços e correndo em todas as direções, um pulando em cima do outro, um puxando o outro. Enfim, crianças e jovens usufruindo de sua vitalidade que parece não caber no espaço da escola. Os mais velhos ficavam em grupos e interagiam com os mais novos. No entanto, a escola era limpa, com a quadra sendo usada pelos alunos das classes iniciais.

Elaboramos uma intervenção com o grupo e a realizamos na aula de Artes, Ciências e Língua Portuguesa. No dia da intervenção conversamos com os alunos e pedimos para que formassem grupos de quatro pessoas. Formaram-se cerca de 9 grupos, alguns de 4, de 3 e até de 5. Muitos alunos não quiseram participar, pois não formaram grupo. Dois grupos falavam pouco, mas ao verem que a maioria participava, também aderiram à dinâmica. Foi lhes solicitado que pensassem e escrevessem um problema da escola, coisas que atrapalhassem a rotina escolar e que precisavam de mudança. Usamos a situação do ar-condicionado como um exemplo de um problema que merecia ser pensado. Em menos de 10 minutos todos os grupos encontraram seus respectivos problemas, dentre eles, as questões da falta de internet, do ar-condicionado e de mais tempo de recreio. Depois, era preciso que um grupo encontrasse uma solução para o problema do outro grupo. Em menos de 5 minutos, todos entregaram papéis solucionando os problemas. Conversamos sobre cada um e sobre cada solução, ouvindo todos os grupos.

Ninguém estava satisfeito com o lanche da escola. Uns diziam que era pouco, outros diziam que era sempre a mesma coisa e outros diziam que a comida era ruim. Pedimos que aqueles que não comiam levantassem a mão e o número foi surpreendente: pouco menos da metade da sala merendava na escola. O ar-condicionado deixava também os professores frustrados. O ambiente era úmido e quente, desconfortável. Os alunos reforçaram neste dia que só faltava a fiação para o problema ser resolvido. Mas tudo era adiado. A solução proposta era reclamar na Coordenação e na Prefeitura, aproveitando a época da eleição municipal.

As meninas reclamaram do uniforme e da “hipocrisia” em torno dele. Uma das alunas contou que todo dia o porteiro manda alguma menina de volta para casa para trocar a roupa, mas sem muito critério definido. Pedimos para que levantassem as mãos aqueles que achassem o uniforme feio. Todos levantaram as mãos e ainda adicionaram que era muito quente.

Ao falarem sobre a higiene, a própria sala virou objeto de críticas: estava bem suja e o professor apontou que a sujeira da sala era culpa deles mesmos e os alunos concordaram e riram. A proposta de um grupo era que os próprios alunos limpassem a sujeira que fizeram.

Existe uma sala de informática na escola. Os alunos expressavam vontade de ter aulas lá e a última vez que tiveram havia sido há alguns meses. Porém, a sala de informática encontrava-se fechada, com muitos computadores quebrados e com estrutura precária. O professor enfatizou que boa parte da culpa era dos alunos, que utilizavam os equipamentos de forma errada “pois não eram deles pra cuidar”. Um grupo chegou à conclusão de que um dos problemas da escola era a “falta de regras”, que a escola precisava de regras mais severas e que só assim os alunos seguiriam as normas e a escola melhoraria. Uma das meninas do outro grupo discordou com veemência, afirmando que não precisava de mais regras e sim de “vigilância”; alunos seguiam as regras, mas uns eram punidos e outros não, e que “educação tinha que vir de casa”.

Foi ficando claro que na escola há uma dinâmica que consiste em buscar os culpados. O professor coloca a culpa da sujeira e dos computadores quebrados nos alunos; que por sua vez atribuem a culpa da sujeira a outros colegas; ao porteiro; à escola. Mostram dificuldade em pensar e expressar seus problemas e suas soluções de uma outra maneira.

Outro grupo falou sobre a estrutura física da escola. O aluno do grupo nos levou para fora da sala e nos mostrou as rachaduras na parede. Também sugeriram aproveitar a época da eleição e pedir dinheiro para consertar a escola, o que fugiu um pouco da estratégia de simplesmente reclamar e procurar culpados.

Um grupo trouxe o problema do sinal wifi não ser liberado, comentário que foi seguido de ovações e risadas. Outros grupos argumentaram que se o wifi fosse liberado, ninguém prestaria atenção às aulas e que era melhor deixar com senha mesmo. Uma das alunas disse: “Aí eu só venho pras aula pra usar wifi (risadas)”. Tais comentários mostram que preservam a noção de implicação aos estudos, o que não é pouco.

Todos concordaram com o grupo que escreveu sobre a duração do recreio, pois quinze minutos era muito pouco, “não dava pra fazer nada”. Os alunos voltavam do intervalo muito agitados, ansiando por mais movimentações. Perguntei se já houve alguma atividade no intervalo, alguma brincadeira ou coisa do tipo. Há uns meses havia uma rádio na escola na qual os alunos pediam para tocar suas músicas favoritas; não durou uma semana porque eram apenas quinze minutos, o que dava para tocar apenas três músicas no máximo, e que fazia com que os alunos se aglomerassem sobre o sonoplasta e virasse uma bagunça, segundo eles.

Na outra sala que observamos, foi possível perceber que os professores estão, de modo geral, fechados para aulas dinâmicas, em que possa haver uma interação com a turma e ser efetiva a participação dos alunos. Em uma das aulas, um professor trouxe um mapa de sala e ordenou a troca de lugares de alguns alunos, com o objetivo de que a conversa paralela diminuísse. Todavia, as conversas continuaram, uma vez que já era o terceiro mapa de sala que havia sido elaborado, com a participação de todos os professores que lecionam para a turma.

Depois de alguns dias de observação, foi realizada uma intervenção com os alunos. Como a turma estava agitada desde a primeira aula, foi muito difícil aplicar a dinâmica, pois eles não paravam de conversar para ouvir a proposta. Só foi possível explicar como seria a dinâmica após falar para eles que assim que terminassem seriam liberados, mas, depois que explicamos a primeira parte, eles voltaram a conversar. Por isso, a dinâmica dos problemas da escola, tal como aplicada na outra sala, não pôde ser concluída nesta.

Uma professora que se sente ilhada em meio aos recursos da inclusão

A experiência na sala de recursos não ocorreu conforme a nossa expectativa. Entretanto, isso não diminui a riqueza da experiência para nós, estudantes de Psicologia, pois nos possibilitou vivenciar na prática alguns dos desafios que são relatados na literatura. Há que se considerar a importância de conhecer a sala, pois conseguimos notar que a proposta de uma sala de recursos que seja de fato inclusiva é ainda um desafio para a realidade das escolas, embora seja preciso reconhecer que já se trata de algum avanço importante.

Em contato com a professora responsável pela sala de recursos da Escola A., ela contou que quando assumiu a sala, esta estava completamente desorganizada. Os materiais disponibilizados estavam todos incompletos e/ou danificados. Os computadores que foram disponibilizados pelo MEC para serem utilizados em atividades com os alunos com deficiência não funcionavam. Ela explicou que a escola chegou a pedir uma manutenção, que foi disponibilizada pela prefeitura uma vez. No entanto, sem assistência técnica para ampará-la não é possível fazer uso do material.

Um dos maiores desafios desde que assumiu a sala foi fazer com que a escola enxergasse a sala de recursos e entendesse os seus benefícios. Segundo ela, todos tratavam o projeto apenas como um passatempo e não como algo realmente efetivo. Foi necessário, por muitas vezes, que ela se posicionasse de maneira dura para que pudesse ser ao menos ouvida pelos outros profissionais da escola.

Mesmo com o engajamento da professora, alguns problemas persistiram, principalmente com relação à falta de cooperação por parte das professoras regulares dos alunos que ela atende. Em teoria, o trabalho na sala de recursos seria ensinar de forma diferenciada o mesmo conteúdo trabalhado em sala de aula regular. (FLEITH, 2011) Como não há mobilização por parte das professoras, isso acaba sendo impossibilitado, sendo mais fácil somente quando se trata das crianças

que têm monitores que os acompanham individualmente durante todo o período e diariamente. Porém, ela relatou que também já enfrentou problemas com alguns monitores, pois eles acabam não cumprindo seu papel de acordo com o que é pensado pela proposta de educação inclusiva, tratando o estudante como vítima e incapaz.

Com relação a esse sentimento de “vitimização” para com os estudantes, a professora apontou que tem tentado minimizá-lo de várias formas. Entretanto, essa tarefa é extremamente complicada, pois as próprias famílias também acabam agindo da mesma maneira. Como consequência disso, os estudantes acabam se conformando com a situação, beneficiando-se, por vezes, desse lugar de “coitadinhos”. Apesar da dificuldade, ela relatou que já percebe mudança em algumas crianças ao longo do ano de trabalho, pois ela “se mantém firme na forma de educá-los”.

Tal colocação da professora faz lembrar o que é apontado por Crochík (2012) no que se refere às formas de marginalização no interior da escola, uma vez que sob esta vitimização a criança não é estimulada a se desenvolver e permanece dependente de alguém. A professora salientou que se trata de algo muito difícil, pois atrapalha suas tentativas de incentivar a autonomia do estudante.

Com relação aos avanços relatados pela profissional, ela comentou que, até o momento, os maiores ganhos se deram no âmbito do desenvolvimento social das crianças e não especificamente com relação ao ensino de conteúdos, conforme as normas exigem. Ela disse que percebe muita mudança na relação das crianças, além da mudança de toda a escola com relação a elas, o que ela considera muito valoroso. No entanto, é muito complicado o desenvolvimento das atividades ligadas às disciplinas, pois este ensino é muito singular, o que acaba sendo mais lento. Com relação a isso, ela se sente muito incomodada, pois o novo plano de governo determina que o salário dos professores deverá ser compatível ao número de alfabetizações que conseguirem realizar, o que é extremamente injusto, não só com os professores, mas com as crianças, pois exclui absolutamente seus avanços.

Uma sala com muitos recursos

A professora da Escola B. nos apresentou toda a sala de recursos, detalhando as atividades, brinquedos e tarefas disponíveis. O acervo consistia de atividades educativas e de desenvolvimento, como por exemplo as atividades cujo objetivo era desenvolver a coordenação motora, como tábua com pregos para os alunos passarem barbante em volta, bloco de isopor para ser perfurado com lápis, caixa com buracos para serem transpassados com cordas e estruturas com blocos de papelão para serem montadas; bolas com sinos para deficientes visuais; objetos com formatos variados que se encaixam em seus respectivos formatos; diversos brinquedos com o alfabeto e palavras, como pregadores com letras e placas com nomes de animais e objetos destas letras; plaquinhas com sílabas para montar palavras; aparelho de DVD que não funciona mais e que era bastante

usado para exibir filmes aos alunos e vídeos educativos aos professores; computadores baseados em tecnologia assistiva.

Muitos alunos que deveriam fazer uso das salas de recursos não o fazem por diferentes motivos, como a falta de meio de transporte, desistência por motivos variados, responsáveis sem tempo para levar o aluno e transferências. Entramos em contato com o responsável de um dos alunos que há tempos não frequentava a sala e pedimos que ele o levasse uma vez por semana à sala de recursos. O trabalho com esse aluno em questão consistiu em jogos que estimulavam a coordenação motora, memória e alfabetização numérica. Ele conhecia as letras de seu nome e sabia apontar as letras de objetos. Demonstrou extremo interesse no computador, especialmente por objetos coloridos na tela. Mostramos a ele como mexer no mouse e clicar, algo que ele dominou rapidamente para a surpresa da professora. Ele jogou jogos de memória, que completou com nosso auxílio, e outros jogos que manipulou praticamente sozinho. Mas é preciso notar que ainda falta um plano de desenvolvimento individual para cada aluno, para que os conteúdos da sala regular possam ser trabalhados na sala de recurso.

Outro aluno que pudemos acompanhar tem baixa visão e autismo. Ele possui boas habilidades cognitivas e foram trabalhadas atividades para estimular a visão e a coordenação motora. Ele se mostrou frustrado com as tarefas de coordenação motora por ter dificuldade em realizá-las. Em seguida foi realizada uma atividade de colagem, que consistia em um desenho de um peixe e suas escamas tinham que ser preenchidas com as aparas dos lápis de cor. Para que ele desenvolvesse a atividade foi necessário que nós participássemos. Depois foi realizada uma atividade para trabalhar o campo de visão e a coordenação motora, em que foram posicionadas algumas plataformas de madeira com aberturas para a passagem de uma bola pequena. Ele visivelmente não gostou da atividade, pois não estava conseguindo executar.

Embora estas atividades o ajudassem com suas dificuldades, notou-se novamente que os conteúdos da sala regular não são retomados na sala de recursos, o que pode dificultar sua inclusão, um aspecto para nos determos na continuidade de nosso trabalho na escola.

Ressaltamos que o detalhamento do que ocorria em alguns momentos é para que estas situações concretas e também muito frequentes nas escolas públicas possam ser refletidas pelos leitores interessados em educação inclusiva.

Dificuldades no campo de estágio/extensão

Na Escola A., deparamo-nos com algumas dificuldades ao longo do ano, desde o momento em que lá chegamos. A figura do estagiário/extensionista parece incomodar o corpo docente, sendo, por vezes, visto como alguém que está ali para vigiar o seu trabalho, mesmo depois da apresentação da proposta de estágio diante de todos os professores. Desse modo, a sensação que

se tem é que a figura do psicólogo no contexto escolar, quando não se propõe a fazer simplesmente clínica tradicional, é vista como algo invasivo e indesejado.

A partir de conversas com as coordenadoras, percebemos que as escolas não conhecem a atuação do psicólogo escolar. Embora explicássemos a respeito em alguns momentos, elas sempre colocavam outras questões, muitas vezes não levando em consideração as nossas colocações. Desde o início procuramos explicar muito bem sobre nosso lugar ali, da nossa disponibilidade para apoiar as escolas e pensar em intervenções que pudessem contribuir com todos os seus agentes.

A visão do senso comum de que a psicologia é, sobretudo, clínica acaba prevalecendo, inclusive na escola. O que percebemos é que se espera do psicólogo uma postura diretiva com relação à avaliação e ao diagnóstico. Deste modo, o seu papel acaba sendo compreendido a partir da ideia de atendimento individualizado, que busca quadros clínicos em determinadas crianças, o que não corresponde com a proposta de Psicologia Escolar que visa, sobretudo, entender e trabalhar com a escola como um todo.

Houve também certa resistência ao estagiário/extensionista, desde a Coordenação, até a sala de aula, pois o educador nos passava a impressão de que estávamos ali para avaliar o seu trabalho. Isso ficou evidenciado na segunda semana da intervenção em que, ao nos receber, a educadora, e mostrando-se muito surpresa, questionou se haveria observação novamente, pois pensava que fosse apenas um dia, de acordo com o que informou a Coordenação. Isso ocorreu apesar do fato de que a proposta de intervenção tenha sido apresentada à Coordenação e aos professores antes das idas à escola pelos estagiários/extensionistas. As informações que circulavam na instituição a respeito de nossa atuação ali em todo tempo pareciam estar desencontradas. De forma recorrente, o que havia sido acordado previamente com o coordenador era modificado assim que chegávamos à escola. Ficou claro que para a continuidade das intervenções na escola a questão da comunicação precisa ser aprimorada, assim como as resistências da escola precisam ser refletidas.

Ao observarmos o ambiente escolar em todo o seu contexto, é possível perceber que há muito trabalho a ser feito. Trabalho este de cunho multidisciplinar, por meio do qual a ideia de uma Psicologia Clínica individualizada deixe de ser desejada como resolução de tudo. Deste modo, o foco deixaria de ser o “problema” do aluno, passando a entender a escola como um todo que precisa se comunicar, integralizando o trabalho do corpo docente e todos os profissionais inseridos na instituição, bem como os estudantes, suas famílias e a comunidade na qual estão inseridos.

Quanto à Escola B., todo o trabalho pôde se desenvolver de modo relativamente tranquilo. Muitas vezes, a Coordenação ignorava nossas perguntas e intenções para nos pedir um trabalho de Psicologia Clínica, a fim de “curar” seus alunos dos problemas de aprendizagem. As aulas, de certa forma, alteravam-se com a nossa presença, tornando os professores mais cautelosos, assim como as coordenadoras, que pareciam achar que estávamos “inspecionando” a escola. Não era nada exagerado e é certo que muitos foram acolhedores.

Para ambas escolas, uma das grandes dificuldades foi o calendário dessincronizado entre as escolas públicas e a universidade, devido à reposição da greve desta última, fazendo com que as férias não coincidissem, impedindo o acompanhamento do ano letivo completo.

Considerações finais

O que foi exposto neste artigo apresenta os primeiros momentos do serviço de Psicologia Escolar nestas escolas. A continuidade deste trabalho prevê uma série de obstáculos a serem superados, mas se entende que se conseguiu um vínculo com as instituições e o acolhimento necessário para a sua continuidade. A inclusão de qualquer diferença segue sendo um desafio presente na sociedade, não apenas na escola, mas esta é um lugar em que a luta pela inclusão pode ter maiores resultados, trazendo conquistas importantes também para fora de seus muros.

Em termos propositivos, para a continuidade das intervenções em Psicologia Escolar nessas escolas, pretende-se insistir em trabalhos que estabeleçam ou aprimorem a comunicação entre a sala regular e a sala de recurso, elemento fundamental da inclusão de estudantes com deficiência. Isso implica em desenvolver trabalhos com os professores, estudantes, monitores, familiares, coordenadores, enfim, com todos os agentes educacionais. Sabe-se que a proposta de educação inclusiva não se limita à inclusão de alunos com deficiência, mas esta pode abrir caminhos para que a diferença tenha seu lugar na sala de aula e não seja promotora de exclusão.

Os participantes do projeto, estudantes de psicologia e supervisor, sofreram as angústias típicas de um trabalho no qual o resultado não depende apenas de seus proponentes, mas que vai além da própria escola, que com todas as suas contradições, é também um representante de um Estado e de uma sociedade que tendencialmente não têm se interessado fortemente por ela. A busca por culpados pelos problemas de escolarização que se observa frequentemente dentro e fora da escola deve ser exposta para todos e refletida para que a postura conformada com uma sociedade que não forma indivíduos possa se transformar em ação inconformada. E, para guiá-la, é preciso persistir também no esforço teórico para entender e superar as inúmeras amarras que limitam a formação humana.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, T. W. Tabus acerca do magistério. In Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000a.

BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas I, II e III)

CHAUÍ, M. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2007.

CROCHÍK, J. L. Educação Inclusiva e preconceito: desafios para a prática pedagógica. In MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Org.) O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: UFBA, 2012.

CRUZ, A.; CAMPOS, H. Escola e adolescência em conflito com a lei: uma estratégia de inclusão perversa. In GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.) Psicologia escolar: Identificando e superando barreiras. Campinas: Ed. Alínea, 2011.

FLEITH, D. S. A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: desafios para o Psicólogo Escolar. In GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.) Psicologia escolar: Identificando e superando barreiras. Campinas: Ed. Alínea, 2011.

GUZZO, R. S. L. (Org.) Psicologia escolar: Desafios e bastidores na educação pública. Campinas: Ed. Alínea, 2014.

GUZZO, R. S. L. (Org.) Psicologia escolar: LDB e educação hoje. Campinas: Ed. Alínea, 1999.

GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.) Psicologia escolar: Identificando e superando barreiras. Campinas: Ed. Alínea, 2011.

MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência. *Psicol. USP*, vol. 8, n. 1, São Paulo 1997. PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. 4 Ed. revista e aumentada. São Paulo: Intermeios, 2015.

PATTO, M. H. S. (Org.) Introdução à Psicologia Escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PATTO, M. H. S. Mutações do cativo: escritos de psicologia e política. São Paulo: Edusp, 2000.

ROUDINESCO, E. Os medicamentos do espírito. In *Por que Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.